

Governo pode antecipar cruzados

Tempo

No Rio e em Niterói, céu claro a nublado, com nevoeiros isolados na madrugada e névoa seca à tarde. Temperatura em ligeira elevação. Máxima e mínima de ontem: 30,7° e 17,9° em Bangu. Mar calmo e visibilidade boa menos na manhã. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, página 28.

Salários

Grandes empresas do país estão lançando mão de antecipações, aumentos, abonos e até empréstimos para diminuir a perda do poder aquisitivo de seus funcionários e manter ou aumentar a produtividade. A Shell, por exemplo, elevou os salários em Cr\$ 10 mil, este mês, e concedeu empréstimos. (Negócios e Finanças, página 1)

Rio Show Festival

□ Cerca de 6.500 pessoas cantaram e aplaudiram de pé o encontro histórico das famílias Jobim e Caymmi na noite de estreia do Rio Show Festival, sexta-feira no Riocentro. O vozzeirão de Dorival Caymmi (foto) exorcizou de vez os fantasmas de bombas no Riocentro. Hoje é a vez de Flávio Venturini se apresentar ao lado de Guilherme Arantes e Beto Guedes. (Página 27)

Investimentos

As mudanças na equipe econômica do governo animam diversos setores industriais a desengavetar projetos de investimento. As indústrias de máquinas de equipamento, por exemplo, depois de uma ocupação de apenas 30%, no primeiro trimestre, subiram este índice para 48%, em abril e esperam chegar a 50% este mês. (Negócios e Finanças, página 2)

Nova geração

Os jovens espanhóis que vão hoje às urnas pela primeira vez na Espanha para eleições regionais não conhecem o espírito aventureiro e solidário que caracterizou a geração de Malo de 68. Individualistas e passivos, eles não possuem grandes ideais. (Página 25)

B CASA

□ A exposição 500 anos de estilo reúne, no Rio Design Center, 13 decoradores e arquitetos que reproduzem em estandes as principais características de cada época. □ Escritório de arquitetura mostra como é possível aumentar as vendas com um bom projeto de design. □ Loja muda a sua decoração a cada nova estação para demonstrar ao consumidor como renovar a sua casa. □ O restaurante Grill One, na Praça Mauá, tem decoração com detalhes que podem ser utilizados dentro de casa. A melhor sugestão é o revestimento artesanal das paredes em mogno e marfim.

Drogas

Bob Martínez, responsável pela política de combate às drogas nos Estados Unidos, assinou convênios com o Peru e a Bolívia que garantem a intervenção direta dos americanos na luta contra o narcotráfico. Os acordos estão sendo criticados por destinarem apenas US\$ 60 milhões à substituição do cultivo da coca, cultura que sustenta mais de 600 mil camponeses. (Pág. 23)

Sobreviventes

Os sobreviventes do massacre de cinco trabalhadores no garimpo do Trairão, no município de Guaratá do Norte (MT), temem ser mortos por serem relatado o que viram, violando as regras desse tipo de guerra, em que o silêncio também é de ouro. (Página 9)

Agência JB

A AJB completa este mês 25 anos, com novos lançamentos. Primeira agência de notícias do país a utilizar canal telegráfico para envio de noticiário, a AJB, agora totalmente informatizada, lançará, nos próximos dias, um serviço noticioso exclusivo para empresas e executivos do mercado financeiro. (Negócios e Finanças, página 6)

Brizola quer mais de Collor

O governador Leonel Brizola negou, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, que o presidente Fernando Collor esteja concedendo benesses ao Rio de Janeiro. Segundo ele, o projeto da Linha Vermelha, aprovado por Collor, beneficiará a União, porque o governo do estado entrará com a metade dos recursos para a realização de uma obra que, na verdade, é federal. "A rigor, o presidente ainda não nos deu nada", disse.

Brizola revelou que, com a autorização do ministro da Infra-Estrutura, João Santana, enviará a Brasília, na terça-feira, pedido de estadualização da Light. Ele contou que também está negociando com o governo a transferência do controle da TV-E. Brizola conseguiu convencer Collor de que a urbanização da favela da Rocinha é "um problema federal". E garantiu que não colloriu e nem o presidente brizolou. (Página 13)



Amigos arrecadaram, com pedágio, Cr\$ 150 mil para ajudar Leila Ribeiro, 28 anos, a se operar nos EUA. (Página 26)

Embora o presidente Collor tenha transmitido ontem ao porta-voz Cláudio Humberto sua posição contrária à liberação antecipada dos cruzados novos bloqueados, a equipe econômica está discutindo o assunto. O secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, e o secretário executivo do Ministério da Economia, Luis Antônio Gonçalves, afirmam que a questão está sendo debatida e há um grupo designado para isso.

O ministro Marcelo Marques Moreira terá reunião amanhã com seus assessores para estudar a proposta. A ideia de enviar projeto de lei ao Congresso liberando os cruzados novos antes de setembro, data fixada legalmente, foi do presidente do Banco Central, Francisco Gros, que prefere uma antecipação de forma ordenada à liberação descontrolada em consequência de decisões judiciais. A Justiça já obrigou o BC a desbloquear cerca de Cr\$ 70 bilhões até março. O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos, Leo Cochrane, disse que a decisão pode evitar um choque entre Executivo e Judiciário. (Página 5)

As nossas Forças desarmadas

Imagine-se um cenário improvável mas não impossível: a invasão do Brasil por tropas argentinas. Em 48 horas, o espaço brasileiro seria dominado pela hipotética força aérea inimiga. Em 10 dias de combates acabaria a nossa munição. Em menos de 20 dias o Brasil perderia a guerra. A hipótese revela uma situação real, dramática: as Forças Armadas brasileiras estão em deplorável estado de penúria.

"O Exército brasileiro hoje é uma grande sucata, um paquiderme paralisado", informa o diretor do Núcleo de Estudos Estratégicos

da Universidade de Campinas (Unicamp), coronel da reserva Geraldo Lesbat Cavagnari Filho.

Os dados e a opinião de outros especialistas confirmam a situação de falência. Os tanques usados no Brasil são expostos na Alemanha como peças de museu. Os nossos canhões só conseguem acertar um alvo a nove quilômetros (na guerra do Golfo, os foguetes viajavam mais de 500 quilômetros com pequena margem de erro). Um soldado brasileiro é treinado disparando 20 tiros por ano, quando, calcula-se, precisaria disparar 100. Em muitos quartéis, os recrutas usam uniformes de segunda mão.

"Se o Brasil tivesse de entrar numa guerra de uma hora para a outra, pagaria um altíssimo preço pelo seu despreparo", informa o general da reserva Rubens Resstel, com a experiência de quem combateu na Segunda Guerra Mundial e coordenou o envio de tropas à República Dominicana em 1966.

A carência é tanta que o Brasil, fabricante do tanque Osório — vencedor em concorrência técnica dos similares franceses, americanos e ingleses —, não pode utilizá-lo aqui. O Exército não tem dinheiro para comprá-lo. (Página 8)

Idéias ENSAIOS

□ Ao morrer em 1964, a memória do estadista San Tiago Dantas parecia mergulhar em profundo esquecimento. De fascista a parlamentarista, político pioneiro das reformas de base, homem conhecido por sua inteligência brilhante, San Tiago Dantas era uma personalidade lendária, mas de reduzida circulação. Quase três décadas depois, o ministro da Economia, Márcio Marques Moreira, relança o nome do político carioca, para quem o Brasil só se modernizaria se fizesse mudanças.



A volta de Malu Mader

□ A atriz Malu Mader vive um momento especial. Não só porque depois de quase dois anos volta à televisão no principal papel feminino na novela O dono do mundo, de Gilberto Braga, mas também porque se livrou de um pesadelo. Absolvida no processo criminal que julgava a sua responsabilidade no atropelamento da estudante Dulcineia Correia Raposo — ocorrido em fevereiro de 1989, em São Paulo —, Malu curte a paixão pelo namoro, o guitarrista Tony Bellotto, dos Titãs, e planeja seu primeiro filho. Ela já não sofre tanto com as críticas, mas ainda se recusa a posar nua. As cenas de sexo, mesmo as mais sutis, como a que fez com Antônio Fagundes na novela, continuam sendo um sofrimento.

Hospital vira residência de pobres no Rio

Os hospitais de emergência do Rio tornaram-se casas de sociopatas ou doentes residentes, como o faxineiro Severino Marinho Filho, internado desde outubro de 1989 no Miguel Couto. Atropelado, ele sofreu fratura numa perna e foi demitido do prédio onde trabalhava. Sem família e com aparelho ortopédico que o impede de exercer o ofício, não tem como deixar o hospital.

Peões de obra, a maioria de nordestinos como Severino, mendigos expostos a todo tipo de doenças, gente subnutrida e velhos rejeitados pelas famílias ocupam cada vez mais espaço nos prontuários, onde o desamparo social encontra indicadores preciosos. No Souza Aguiar, um aposentado com doença pulmonar ficou quase nove anos. (Página 27)



Capitão Léo é um dos chefes das torcidas que estão levando a violência para os estádios. (Págs. 30 e 31)



As pernas e o sorriso da secretária nacional de Economia, Dorothea Werneck — foco predileto dos fotógrafos —, estão de volta ao governo. Há quem garanta que seu retorno não passa de uma estratégia de marketing, mas outros acham que sua experiência na mediação de conflitos trabalhistas a credencia para negociar também preços e salários. (Pág. 5)

Flu tem que vencer hoje o Bragantino

Para continuar sonhando com o título de campeão, o Fluminense não pode perder a partida de hoje, às 17h, no Maracanã, contra o Bragantino — um time que nunca foi vencido pelos cariocas no Campeonato Brasileiro. O tricolor joga a primeira semifinal com todas as suas forças. O Bragantino não contará com o ponta-esquerda João Santos, que está machucado.

O tempo instável dos últimos dias deve continuar, ameaçando provocar o adiamento das 500 Milhas de Indianapolis. Se houver largada, Emerson Fittipaldi é um dos favoritos, mesmo saindo na 15ª posição. Na primeira fila, larga pela última vez o lendário A. J. Foyt. (Páginas 29 a 34)

GOLDEN CROSS — ASSOCIE-SE A ORGANIZAÇÃO DE SAÚDE QUE CONTA COM 12 MIL MÉDICOS E DA COBERTURA A MAIS DE 2 MILHÕES DE ASSOCIADOS. LIGUE JÁ: 235-2001.

RESTAURANTE DE SALADAS - Passo ponto, todo montado e funcionando. Frente Centro Médico Botafogo. US\$ 50 mil. R. Capitão Salomão, 14-B. Tel. 226-3799

AUTOR - Agora ficou mais fácil transformar o seu sonho em livro. Venha à Rua Santa Luzia, 405/4º andar, grupo 28. Que nós temos a solução.

GOLDEN CROSS - Faça hoje mesmo o seu seguro-saúde. E tenha a garantia de uma ampla rede de atendimento e qualidade em serviços. Ligue já: 235-2001.

ALUGA-SE PERÍODOS - Consultório montado Clínica na Barra. Para Fonoaudiólogos, Terapeutas, Psicólogos, Homeopatas, Psicólogos, etc. C/ secretária, ar cond., Tel. Tratar Silvío ou Cláudia 399.5288/ 239-5245.

PICK-UP UNO 1.5 ANO 89 - Vermelho Ferrari, 25.000 km, ótimo estado, ún. dono. 521-5857

OPALA DIPLOMATA 88 - Excel. estado, único dono, 4 pneis, Alcool, cor prata lunar, 6 cil., dir. hidr., todo compl. Cr\$ 3.500 mil. Tel: 246-5472/ 246-5480, resid. Sr. Paulo/ Lucía 224-6203 (hor.com.)

BOTAFOGO - Vendo apto. 2 qts (1 suite), var., dep. compl. gar. área 100 m². Largo dos Leões, R. Mário Pedreira, 45/ 101, chaves c/ porteiro Inf. 325-8237.

MOTO IMP. BMW K1 91 - Lindíssima, vendo/troco/financio. Av. Prado Júnior 280-A. AREZA AUTOMÓVEIS - 541-0037

ALUGA-SE PERÍODOS - Consultório montado Clínica na Barra. Para Fonoaudiólogos, Terapeutas, Psicólogos, Homeopatas, Psicólogos, etc. C/ secretária, ar cond., Tel. Tratar Silvío ou Cláudia 399.5288/ 239-5245.

Desamparo social transforma hospitais em moradias

Israel Tabak

Talvez os moradores do luxuoso prédio 2.080 da Avenida Epitácio Pessoa, na Lagoa, não se lembrem mais de Severino Marinho Filho, um simpático faxineiro paraibano, de 34 anos, que no dia 8 de outubro de 1989 foi atropelado em frente ao edifício, sofrendo fratura exposta na perna. Para o síndico foi fácil substituir o faxineiro. Mas para Severino começava um drama que o transformou num dos mais antigos sociopatas internados nos hospitais públicos do Rio.

Sociopatas, ou doentes residentes, no jargão médico, são os internos que praticamente vivem nos hospitais de pronto socorro. Nos dois mais importantes, o Souza Aguiar e o Miguel Couto, eles já representam cerca de 10% dos pacientes, ocupando leitos que deveriam ser destinados a atendimentos de emergência, função específica desses hospitais. E o mais grave, segundo o diretor do Miguel Couto, Paulo Pinheiro, é que, com a crise econômica, os casos são cada vez mais frequentes. "Os hospitais públicos estão se transformando em albergues. São os terminais da pobreza", diz o médico.

Para o faxineiro Severino, que morava no prédio, o acidente significou a perda do emprego, da moradia e de qualquer possibilidade de trabalhar no seu ofício para garantir a sobrevivência. A lesão foi grave, mas ele hoje já poderia estar em casa, voltando periodicamente ao Miguel Couto para tratamento. Só que, além de não ter casa, ele não tem família no Rio nem ninguém que possa ajudá-lo. Sua locomoção está prejudicada pelo aparelho ortopédico preso ao pé direito. Como o hospital "não pode jogar ninguém na rua", como diz o diretor, Severino foi ficando.

Um ano e sete meses depois do atropelamento, Severino é hoje um sociopata que gera a sua própria renda dentro do hospital. Com fio de náilon comprado por funcionários ele faz tarrafas (redes de pesca) que vende por Cr\$ 20 mil cada. "Só que agora está difícil de vender como o diabo", diz. Trabalha mais para se "distrair" do que para ganhar dinheiro. Se um dia der jeito de sair do hospital, garante que volta logo para a Paraíba.

Fim de linha — Subempregados e quase todos nordestinos como Severino, os peões de obra da Barra da Tijuca constituem um grupo de sociopatas já tradicionais no Miguel Couto. A história é sempre a mesma: para fugir à solidão, eles se embriam nos fins de semana em bares da Avenida das Américas. Ao atravessar a rua, de volta aos alojamentos, é comum serem atropelados. Para eles, é fim de linha. Sem carteira assinada, não receberão nada durante o tempo em que ficarem inativos. O desemprego é imediato, assim como a perda do abrigo na obra. Sobre o hospital.

Dos 350 leitos do Miguel Couto, pouco mais de 30, em média, costumam ser ocupados por sociopatas. Dos 372 leitos do Souza Aguiar, no momento 37 abrigam esse tipo de doente. A diretora da divisão médica do hospital, Luísa Nahmias Carvalho da Silva, estima em Cr\$ 20 mil o custo médio diário de cada paciente. Paulo Pinheiro, diretor do Miguel Couto, diz que, hoje, de cada 10 pacientes que procuram o pronto-socorro, nove são muito carentes e pelo menos seis não são pacientes típicos de hospital de emergência.

Entre os sociopatas um virou referência no Souza Aguiar. José Mota, um aposentado da marinha mercante, conseguiu ficar quase 9 anos internado, com pequenos intervalos. Ele tinha uma doença obstrutiva pulmonar. E, cada vez que alguém lhe falava em alta, sofria uma grave crise de asma. Mota não tinha ninguém para cuidar dele. O caso só foi resolvido quando os médicos do Souza Aguiar, depois de anos de espera, conseguiram uma vaga numa casa geriátrica.

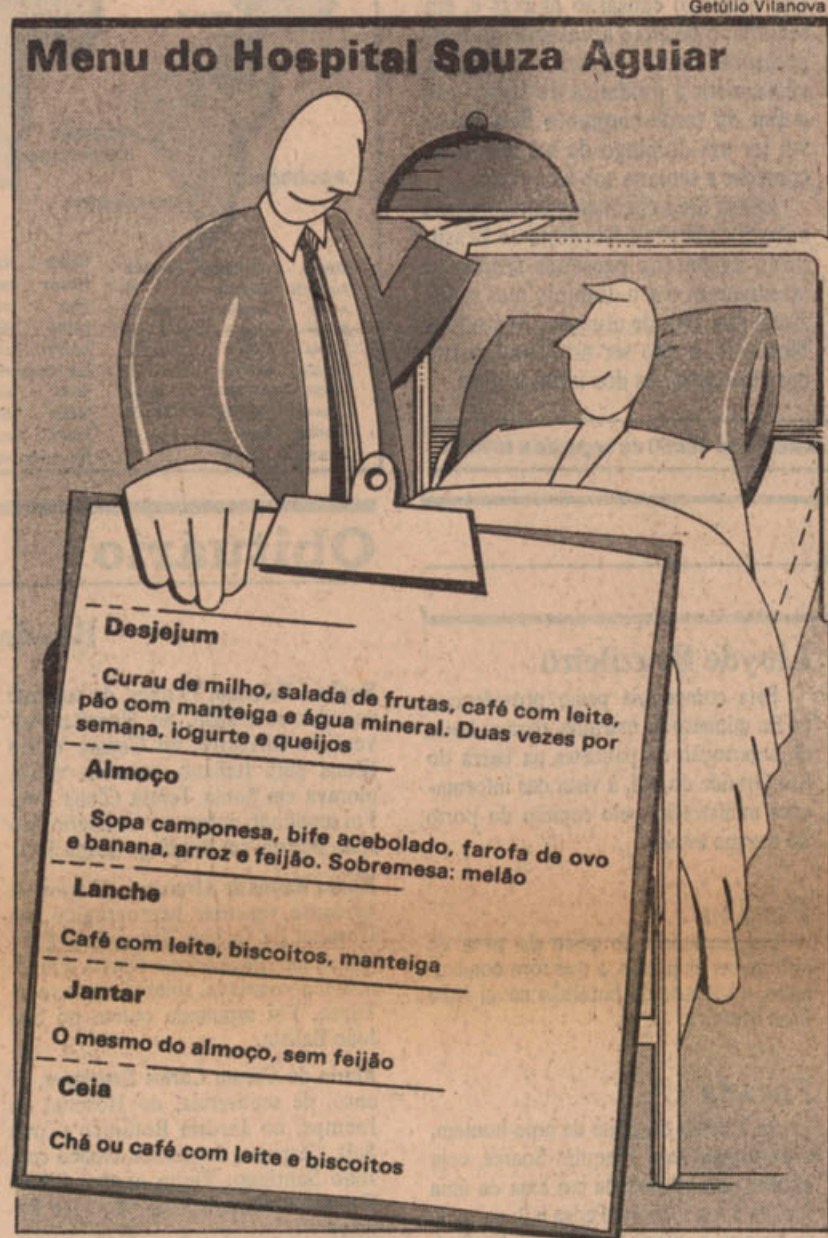
Sonho desfeito — Hoje, o pedreiro Alfredo Vicente Neves — capixaba de 52 anos que morava em Maricá (Região dos Lagos) — é um dos mais antigos sociopatas do Souza Aguiar, onde reside há quase um ano. Ele faz uma imagem para narrar o seu drama: "A vida é ingrata. A gente passa anos dando duro para fazer o nosso castelo, vem o vento e em três minutos derruba tudo." O vento foi um atropelamento, na Rodovia Amaral Peixoto, que o deixou temporariamente aleijado. O castelo era a casinha que vinha construindo. "Como eu moro sozinho, já devem ter roubado tudo ou ocupado a casa", diz. Como também não tem seguro social, só resta ao pedreiro o Souza Aguiar. Enquanto deixarem.

Mas não são apenas casos de extremo desamparo sócio-econômico. Há também histórias de rejeição familiar, envolvendo gente com situação financeira razoável. Laurinda Conceição, de 71 anos, atropelada na Glória e há um ano no Souza Aguiar, sempre chora ao falar do filho, dono de uma borracharia, que não quer recebê-la de volta, inválida. Já os familiares de Margarida Costa, 84, que teve um derrame, estão procurando adiar ao máximo sua volta para casa, em Copacabana, embora ela esteja de alta, conforme conta o diretor Paulo Pinheiro.

Em razão de tantos casos semelhantes é que já não surpreende a franqueza de Severino Angelo, 64, que fraturou o crânio e sofreu uma lesão neurológica quando uma jaca caiu em sua cabeça. Sem casa, sem família, esse sociopata do Miguel Couto responde na ponta da língua quando alguém quer saber seu endereço: "Eu moro aqui mesmo".



Desempregado e usando aparelho ortopédico, Severino faz redes de pesca no leito



Comida é uma atração extra

O menu oferecido aos doentes do Hospital Souza Aguiar na semana passada era mais um dado para entender o fenômeno da sociopatia nos hospitais de pronto socorro. São cinco refeições por dia, oferecendo uma quantidade e uma variedade de alimentos básicos de fazer inveja até à maltratada classe média.

Na quinta-feira, por exemplo, os doentes tiveram um desjejum com curau de milho, salada de frutas, café com leite, pão com manteiga e água mineral. No almoço foi servida uma sopa de legumes à camponesa, bife acebolado com farofa de ovo e banana, arroz e feijão, melão e refresco ou água mineral. No lanche, biscoitos com manteiga e café com leite. No jantar, o mesmo do almoço, menos o feijão. E na ceia, chá ou café com leite e biscoitos.

Médicos e nutricionistas explicam que não há nenhum exagero nesse menu básico, que tem alterações, conforme o quadro de cada paciente. Simplesmente uma alimentação adequada é condição essencial para a boa recuperação de qualquer doente. Mas num quadro de extrema pobreza, como o que afeta grande parte da população da cidade, qualquer lugar — mesmo um hospital — que ofereça essa comida, além de dormida, roupa lavada e agasalho, passa a ser altamente desejável.

Maria das Dores da Silva, uma pernambucana que mora na areia da praia em frente ao Hotel Méridien, no Leme,

chegou ao Miguel Couto quase desmaiada. Diagnóstico: distrofia pluricausal, ou seja, desnutrição profunda, fome. Depois de cinco meses de tratamento, ela está em convalescença. Os quatro filhos e o companheiro que viviam com ela na praia jamais foram visitá-la. Maria já poderia estar em casa, se recuperando, com uma alimentação especial. Só que ela não tem casa nem como obter os alimentos de que precisa. Por isso fica nervosa quando alguém fala que em breve terá de deixar o hospital.

A comida e o abrigo não servem apenas para atrair os sociopatas. Ela é também uma forma de evitar as faltas dos funcionários, que ganham um salário médio de Cr\$ 30 mil. É comum o servidor almoçar ou jantar e deixar parte da comida para levar para casa, numa *quentinha*. É a comida, também, que ajuda a manter as mães perto dos filhos internados. Quase todas optam por ficar dia e noite com os filhos.

"O hospital de emergência tem uma função pública, um compromisso social. Por isso não podemos abandonar nossos doentes à própria sorte. Mas isso também nos cria um sério problema, pois ocupa leitos que deixam de atender aos casos de emergência", observa Paulo Pinheiro. Já as clínicas privadas, segundo o médico, rejeitam os sociopatas e todos os casos de doentes crônicos, que exigem longa permanência e tratamento dispensado.

Fotos de Tude Munhoz



Nana, Jobim e Caymmi se encontraram no Riocentro

Os terminais da pobreza extrema

Em cinco anos, o número de baleados atendidos no Hospital Municipal Miguel Couto aumentou 230%. Em 1985 foram 82 casos. Em 1990 haviam subido para 271. Os dados de 1991 são ainda mais preocupantes. Hoje o hospital atende em média a um baleado por dia. E também aumentaram significativamente os casos de alcoolismo, desnutrição, tuberculose, sociopatia e atendimento a população de rua. A violência e a pobreza crescentes têm preciosos indicadores nos principais hospitais de pronto socorro do Rio de Janeiro.

No Miguel Couto são registrados em média, por dia, quatro casos de atropelamento, dois de pessoas feridas em acidentes de automóvel, dois de agressão física e um de paciente baleado. O trauma já é, no Rio, a segunda causa de mortes, superando o câncer e logo abaixo das doenças cardíaco-vasculares. Quando o atendido é pobre e a lesão é incapacitante, pode começar a configurar-se a sociopatia. Mas a crise social não é evidenciada apenas pela transformação dos hospitais de emergência em abrigo para carentes. Agora, a classe média também começa a pedir socorro.

O problema, para a classe média, ocorre sobretudo nos casos cardiológicos e de neurocirurgia. A família leva o doente para o atendimento de emergência e, depois de alguns dias, aturdida com a pobreza dos demais pacientes e com o próprio ambiente hospitalar, providencia a remoção para uma clínica privada. "Só que não resiste ao tamanho das contas e vem nos suplicar de novo por uma vaga", diz o diretor do Miguel Couto, Paulo Pinheiro. Mas, por falta de vagas, são recusadas, em média, quatro internações por dia no hospital. "Até dona Sara Kubitschek me ligou outro dia, pedindo para manter um internado por um período maior", revela Pinheiro.

Os demais pacientes, que costumam chocar os doentes e as famílias de classe média, são as vítimas da pobreza extrema. Um dos casos mais chocantes, com atendimento crescente, embora quase desconhecido nas áreas mais ricas da cidade, é o de vítimas da miase. Esta doença, que ataca sobretudo os que vivem na rua, sem nenhuma condição de higiene, é provocada por uma mosca verde que põe ovos na cabeça da pessoa. Com o tempo, nascem as larvas, que vão penetrando na pele e formando um buraco que chega até o osso. É com esse buraco que o doente chega ao hospital.

Os *pés inchados* também têm frequência ascendente nos hospitais de emergência. São geralmente mendigos que quase não se alimentam, mas ingerem bebida alcoólica, que também tem a finalidade de tapar a fome. Com a falta de proteína, ocorre uma perda de líquidos, que estapam dos vasos sanguíneos e, pela gravidade, descem, inchando os pés. Tuberculosos e toda a sorte de doentes crônicos também acabam nos principais hospitais de emergência, porque todos os outros hospitais, públicos ou conveniados, costumam rejeitá-los. É assim que o pronto-socorro se transforma no terminal da pobreza.

Tom e Caymmi levam 6.500 ao Riocentro

O vozeirão de um requiebrante Dorival Caymmi exorcizou de vez os fantasmas de atentado a bombas no Riocentro. Apesar da meia lotação, um público emocionado na estréia do Rio Show Festival cantou e aplaudiu de pé o encontro histórico das famílias Jobim & Caymmi. Tudo funcionou bem, com o conforto de garçons eficientes, bares e banheiros limpos e poucas filas. A platéia de 6.500 pessoas em mesas e arquibancadas do anfiteatro, uma mistura agradável de Canecão com Circo Voador, não incomodou o produtor da festa, Wellington Lima, da empresa Maior Prazer, Brasil (MPB). "Tudo está ótimo, apesar de nossa expectativa de 10.000 pessoas. Faltou tempo para a divulgação, mas acredito que, a partir deste show, a motivação vá aumentar", comentou.

Tampouco a localização do Riocentro foi problema. O vereador Sergio Cabral, por exemplo, disse que iria até lá só para ver o seu samba predileto (*Saia do caminho*, de Custódio Mesquita e Evaldo Ruy, de 1946), com sua cantora predileta (Nana Caymmi), acompanhada por seu ídolo Tom Jobim. "Isso dá de dez a zero no Rock in Rio", exultava. Muito emocionado, o compositor Paulinho da Viola, que ontem à noite se apresentaria com Gilberto Gil e Jorge Benjor, saiu carente de "mais música", depois de duas horas e 20 minutos de espetáculo e 32 canções. "Não foi suficiente para mim. Faltaram tantas músicas! Foi um grande encontro que ajuda a esquecer aquelas bombas de 1981. Eu estava aqui naquele dia, que marcou muito o Riocentro com o terror do atentado", disse. O fantasma do atentado, porém, quase deu novo susto: um curto circuito provocou um blecaute durante o espetáculo. Os artistas cantaram alguns segundos no escuro e, em seguida, o anfiteatro estava novamente iluminado.

"Na hora em que faltou luz ninguém reclamou. Se fosse no Rock in Rio seria um desastre, mas aqui o que

importa no show não é a iluminação", opinou a dublê de política e atriz Beth Mendes. A poucos metros dela, o prefeito Marcelo Alencar batucava animado. "O Rock in Rio foi o *showbiz* na sua plenitude, mas aqui tem mais coisa. Nossa poesia, nossa cultura. Não preciso nem dizer que prefiro isto aqui", confidenciou o prefeito, antes de acrescentar: "Há dez anos tentaram cometer uma ignominia aqui dentro, um atentado contra nossa cultura e nossa democracia. Voltar aqui como prefeito, para assistir a um show da nossa música, é uma conquista."

O contraste com o clima do Rock in Rio II, o último grande festival da cidade, era evidente. A felicidade compensou a baixa venda, por exemplo, no estande da Alta Tensão Bijuteria. "O Rock in Rio foi uma safadeza. A gente tinha loja, credencial e vivia barrada por segurança. Lá vendia. Aqui eu não vendi nada, mas está muito melhor", comentou a proprietária Maria Cidália Tojeiro. Cachaça o povo bebeu. Atrapalhada com as filas para compra de batidas, a gerente Julia Peregrino, do estande da Academia da Cachaça, pediu apenas a abertura dos portões mais cedo.

Na livraria Bookmakers as vendas também não foram animadoras. Surpreendeu, no entanto, a procura por posters dos internacionais New Kids On The Block e Madonna. Nenhum exemplar de uma bem cuidada edição de *Salomé*, escrita por Oscar Wilde e ilustrada por Hergé, foi vendido. Mas a atriz Patrícia Pillar, que vai fazer o papel de Salomé na próxima novela global das 18h, gostou de saber que o livro estava à venda no Riocentro. "A novela não foi baseada na *Salomé* de Wilde, mas na de Menotti del Picchia", contou Patrícia Pillar. Além das já citadas, outras personalidades compareceram à noite dos Jobim e Caymmi. Estavam lá Caetano Veloso, Elba Ramalho, Wagner Tiso e Hermínio Bello de Carvalho, entre outros.

Reencontro de duas famílias após 28 anos

Tárik de Souza

Vinte e oito anos depois, reencontraram-se na abertura do Rio Show Festival no Riocentro, na sexta, os oceanos Caymmi e Jobim e não deu resaca. A primeira reunião da família (Dori, Danilo, Nana e Dorival) Caymmi com Tom Jobim ocorreu no final de 63, num LP Caymmi visita Tom, no selo *Elenco, do pai da ideia, Aloisio de Oliveira*, que a PolyGram relança breve. De comum nos repertórios, apenas dois números, Saudades da Bahia num contracanto das vozes básicas de Caymmi e Tom, e a canção Sem você, que Nana Caymmi fez questão de recantar.

A atmosfera fraterna do reencontro rolou solta. Sem Dori, que está nos EUA, Danilo, acompanhado de um quarteto, abriu os trabalhos lembrando seu hit dos festivais, Andança, duas belas canções mais recentes (O bem e o mal, O que é o amor) e homenageou o patriarca da família, com a programática Você já foi à Bahia?. Nana assomou ao palco a seguir, num vestido verde cintilante à borda de Copacabana, numa versão eloquente para a ode à antiga princesinha do mar, com direito a plenos pulmões de Billie Holiday desinibida. Depois de sucessos próprios (O cantador, Se queres saber), ela singrou Dora, a dica de entrada de Dorival Caymmi, comme il faut, à base de voz e violão, tocado por Muri Costa, o que liberou as mãos do compositor para pontuações dramáticas que acompanharam

suas interpretações iniciais de É doce morrer no mar, Marina, Não tem solução e Coqueiro de Itapoá.

O bloco seguinte, engatado pela valsamba Das rosas, agrupou todo o conglomerado no palco: a família Caymmi, Tom Jobim e sua banda (integrada pelo filho Paulinho e a mulher Ana Lontra), interligadas pelo flautista e vocalista em comum, Danilo Caymmi. Nos requiebrados de Maracangalha (clássico de Caymmi do carnaval de 56), materializou-se a explicação para os dois heterodoxos chapéus de palha envergados por Tom e Dorival no palco. Ambos, com a platéia em coro, foram para Maracangalha/ convidar a Anália/ de chapéu de palha", no arranjo swingante de Mário Adnet, que Jobim incorporou à Banda Nova, com Marcio Mallard no cello, em lugar de Jaquinho Morelembaum.

Ao final das 32 músicas do roteiro, Maracangalha ficou entre as duas bisadas, após uma standing ovation da platéia. A outra foi a inédita Maricotinha, ainda incompleta ("vai levar uns dez anos para ficar pronta", brincou Nana), um samba bem à feição da preguça baiana com suas negativas cheias de ginga; "diga que não tô/ diga que não vô". Tom Jobim e sua banda destilaram parte do show recém apresentado no Imperator, com a ex-inédita Querida (atual abertura da novela global O dono do mundo) e arranjos demolidores para Estrada do sol e Samba de uma nota só. Solitário ao piano, Tom navegou a angulosa Luisa, antes do dueto de piano e voz com Nana (Saia do caminho, Sem você, Só louco) e a apoteose final dos Caymmis e Jobins, onde a Suite dos pescadores substituiu a Garota de Ipanema programada pelo roteiro original. A jangada da MPB moderna saiu pro mar - e não voltou só.



Vítimas de atropelamento ocupam toda uma enfermaria do Hospital Miguel Couto